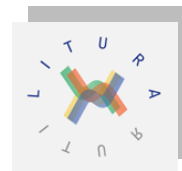


# A felicidade do país da psicanálise

Marcus André Vieira



Referência:

Vieira, M. A. A felicidade do país da psicanálise. Disponível em:

<[http://www.litura.com.br/artigo\\_repositorio/a\\_felicidade\\_do\\_pais\\_da\\_psicanalise\\_abe\\_1.pdf](http://www.litura.com.br/artigo_repositorio/a_felicidade_do_pais_da_psicanalise_abe_1.pdf)>. Acesso em (ao referir-se a este texto coloque aqui a data de acesso).

(abertura do XVII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, Psicanálise e Felicidade, Rio de Janeiro, novembro de 2008).

Bem-vindos ao Décimo Sétimo Encontro Brasileiro do Campo Freudiano. Ele é um acontecimento e como todo verdadeiro acontecimento é único, não se repetirá. Não é, no entanto, um diamante solitário, pois faz parte de uma série.

Décimo Sétimo, Dezessete. A série se alonga, mas seus elementos só são repetição para quem estiver fora dela. Nós, que estamos aqui, encarnamos esse paradoxo, que é o de todo acontecimento. Em um mesmo espaço e tempo reúne-se a história e a novidade, nossos predecessores e os que nos sucederão. A psicanálise a que esperamos dar lugar nesses dias é aquela entre o “ainda não” e o “já foi” e que por isso mesmo é viva e companheira.

No acontecimento que nos reúne hoje, minha função é a de Presidente. Ocupo atualmente em nossa comunidade o cargo de Diretor, razão pela qual me coube esta honra. Como a minha, são muitas as funções que concorrem para este momento. A presença do presidente da EBP, Iordan Gurgel, na próxima plenária, do presidente do Conselho AMP-América, Leonardo Gorostiza, a quem passarei a palavra em instantes, do Delegado Geral da AMP Eric Laurent, são prova disso. Assim como a de tantos outros, os conselheiros da Escola e das Seções, seus Diretores, os coordenadores de Delegação, e demais cargos, incluindo os responsáveis pelas diversas comissões sem as quais nada de Encontro haveria, e ainda nossos convidados da EOL e da NEL - tudo isso, cada um de seu lugar constitui a rede que dá vida a nossa Escola e que deu a este Encontro sua existência.

A Escola é isso, um movimento impulsionado pelo que acabo de chamar de vida. Para essa abertura, eu queria propor a vocês, no mesmo sentido, outro termo. Nosso movimento é levado adiante pelo real da psicanálise. Não é qualquer um, é o real extraído por Freud de suas pacientes, extraído por Lacan de lugares nunca antes imaginados e, podemos dizer, sustentado na cena contemporânea pelo trabalho de J. A. Miller.

É este real que dá vida aos inúmeros dispositivos institucionais e clínicos os mais variados do Campo Freudiano: o ensino de nossos Institutos, os seminários, as Jornadas e Encontros, as publicações e sobretudo os Cartéis e o Passe. O passe anima a Escola tanto por sustentar aberta em seu coração a pergunta “o que é um analista?” quanto por produzir para ela respostas - ao mesmo tempo ímpares e transmissíveis.

Para sustentar a resposta de uma análise no plano “macro”, dos mais de oitocentos que somos aqui, e mais além no plano de nossa imensa “comunidade de interesse” (como a definiu certa vez Sérgio Laia), nos encontramos hoje reunidos em torno do título Psicanálise e Felicidade: sintoma, efeitos terapêuticos e algo mais.

Por quê “Psicanálise e Felicidade”? Aprenderemos muito sobre a conjunção destes dois termos nestes dias, mas creio que sobre ela uma primeira evidência é a presença de tantos aqui hoje. Ela já atesta sua pertinência. Quero propor uma segunda leitura dessa presença maciça em resposta a nosso título. Poucos aqui devem imaginar que a psicanálise conceba a felicidade como beatitude, um paraíso ideal e estático. Ao contrário, costumamos promover o acaso, a contingência. Neste sentido, creio que podemos depreender do Outro que vocês nesse instante constituem nossa aposta na pertinência da psicanálise, como oferta de uma felicidade surpresa, uma felicidade inesperada, em um mundo que exige a felicidade como estado permanente e previsível.

O trabalho preparatório para este Encontro me deu a certeza de que podemos dizer, já de saída, um pouco mais. Não propomos apenas que a felicidade venha por acaso, que seja um instante fugaz que deve ser aproveitado ao máximo. O “aproveite o momento” do presentismo contemporâneo não nos satisfaz. Não. Tal como Lacan enuncia em *Televisão*, não é tanto a felicidade é o que acontece por acaso, em um acaso. Para nós, o acaso é a felicidade. Como diz a letra dos Titãs, que nestes dias de autoria incerta, já vi ser creditada a Borges, “O acaso vai me proteger”. Como? Para eles basta “andar distraído”. E para nós?

Para sair do plano geral da canção e entrar no próprio da psicanálise nossa ferramenta será o Sintoma. Ele faz parte do tema das Jornadas da Escola da Orientação Lacaniana, na semana que vem e do próximo Encontro Americano em Buenos Aires. É nosso modo de situar o real da psicanálise.

De início ele se apresenta como uma pedra no caminho, como o situava J. A. Miller na Bahia há alguns anos. Algo que impede o bom funcionamento da máquina. Quando chegamos mais perto, vemos o quanto ele é um nó. Uma análise aposta que é possível depurá-lo do tanto de complicação que o parasita - do embaralhamento de cenas, idéias, afetos, que compõem esta nebulosa subjetiva em torno do sintoma. Esta redução produz efeitos terapêuticos evidentes e muitas vezes decisivos.

Chega-se a um osso duro de roer. Dele não nos livraremos, o que não significa que não poderá haver liberdade. Mas há algo mais a fazer e aqui entra o “algo mais” do título. Algo mais envolve a decisão de levar às últimas conseqüências esta fascinante experiência que é uma análise. Não é ir além, a não ser como metáfora, não é galgar mais nada senão o céu voltaria.

Após descobrir a certeza de que não há nada além desse osso, escora do que chamamos fantasia, após esvaziar de todo sentido essa ideologia pessoal de base, que carregamos com as marcas do que o Outro fez conosco, ainda resta esse resto. O que fazer com ele?

Um modo de caracterizá-lo é a ênfase em um novo fazer, um saber –fazer com o sintoma, um “se virar”, ou (como lembrou Ram Mandil citando Lacan em um das mesas redondas preparatórias) “pegar as coisas pelo lado que nos serve”.

Abrir-se ao encontro. Descobrir que o que se repete pode ser só um pulso, uma batida de coração, um ritmo vazio que apenas dá o tom a partir do qual se abordará as coisas, e que eventualmente permitirá novas conexões, como essa que estabelecemos a partir de agora pelos próximos dias.

Tantos quantos somos hoje damos existência ao país da psicanálise no século vinte e um em sua versão da orientação lacaniana. Nosso real dura um instante, não está no programa da civilização e por isso mesmo pode fazer miséria.

Bem-vindos à felicidade do país da psicanálise.